

**Maura Soares**

---

**Assunto:** Participação em Consulta Pública: Manifestação de Oposição à Proposta de Terceira Alteração do Decreto Legislativo Regional n.º 28/2011/A

**Anexos:** 20250228 Tribuna das Ilhas - Somos.pdf; 20241004 Tribuna das Ilhas - Soluções.pdf; 20241031 Tribuna das Ilhas - Três Vivas.pdf; 20250103 Tribuna das Ilhas - Ser.pdf

---

**De:** Frederico Cardigos <[REDACTED]>

**Enviada:** 22 de abril de 2025 14:20

**Para:** Apreciacao Publica <apreciacaopublica@alra.pt>

**Assunto:** Participação em Consulta Pública: Manifestação de Oposição à Proposta de Terceira Alteração do Decreto Legislativo Regional n.º 28/2011/A

**Exmo Senhor Presidente da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável,**

Enquanto biólogo marinho e cidadão profundamente interessado no desenvolvimento sustentável dos Açores, venho, por este meio, manifestar a minha oposição ao projeto de alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 28/2011/A, apresentado pelo Partido Socialista, que visa permitir a pesca comercial com a arte de salto e vara nas áreas de proteção total do Parque Marinho dos Açores.

A referida proposta representa uma clara inversão dos princípios subjacentes à criação da Rede de Áreas Marinhas Protegidas dos Açores (RAMPA), estabelecidos na mais recente alteração legislativa através do Decreto Legislativo Regional n.º 14/2024/A, de 24 de dezembro.

Esta proposta colide diretamente com os princípios de conservação que, ao longo dos anos, tenho defendido publicamente em diversos artigos de opinião publicados na imprensa açoriana. Só para nomear alguns dos mais recentes (PDFs em anexo):

- No artigo “*Soluções para Oceanos Sustentáveis*”, evidenciei como a ciência mais recente, incluindo a gerada pela Universidade dos Açores, exige áreas rigorosamente protegidas para garantir a recuperação dos ecossistemas e a resiliência dos oceanos num mundo em rápida transformação (*in* Correio dos Açores de 3 de outubro de 2024 e Tribuna das Ilhas de 4 de outubro de 2024);
- No artigo “*Três vivas pelo Parque Marinho dos Açores!*”, sublinhei como a aposta na proteção marinha consolidou o prestígio dos Açores como exemplo internacional de respeito pela biodiversidade, e celebrei o alargamento da proteção de 30% do Mar dos Açores, alertando para a necessidade de garantir que essas áreas não fossem apenas “Mar de Papel”, mas zonas de proteção efetiva (*in* Tribuna das Ilhas de 31 de outubro de 2024 e Correio dos Açores de 7 de novembro de 2024);
- No texto “*Ser Açoriano é ser Mar*”, expliquei como a açorianidade é intrinsecamente ligada ao mar, moldando a cultura, o conhecimento e a ação da comunidade. O amor dos açorianos pelo mar, o conhecimento secular sobre os seus recursos e a liderança na proteção ambiental refletem-se na criação cultural, no avanço científico e na implementação de políticas de conservação (*in* Tribuna das Ilhas de 3 de janeiro de 2025 e Correio dos Açores de 16 de abril de 2025);
- Em “*Somos Mar dos Açores!*”, reforcei que a identidade açoriana é inseparável do mar, que a liderança dos Açores na proteção ambiental resulta de um compromisso sério com o bem comum e que esta liderança é reconhecida a nível europeu (*in* Tribuna das Ilhas de 28 de fevereiro de 2025).

Reconheço a importância da pesca artesanal do atum para a economia regional, nomeadamente para pescadores, armadores, indústria conserveira e comerciantes de pescado. Contudo, o Mar dos Açores tem

vastas áreas onde esta atividade pode e deve continuar a ser promovida, sem comprometer os núcleos mais sensíveis da biodiversidade, que as áreas de proteção total visam salvaguardar.

Não obstante ser uma arte seletiva e considerada sustentável, a introdução da pesca de salto e vara em zonas de proteção total — por definição, sem atividades extrativas — representa uma cedência de princípios e um perigoso precedente. Como recordado no próprio preâmbulo do Decreto 14/2024/A, a criação de áreas de proteção total tem como objetivo a recuperação plena dos ecossistemas e a maximização do seu valor científico e ecológico. Permitir qualquer forma de extração, ainda que seletiva, desvirtua esse objetivo e fragiliza o compromisso internacional assumido por Portugal e pela Região Autónoma dos Açores com o Quadro Global da Biodiversidade Kunming-Montreal e com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável n.º 14 da Agenda 2030 da ONU.

A proposta ignora ainda os princípios da precaução, da decisão baseada na ciência e da efetividade da gestão, consagrados no artigo 7.º do regime jurídico da RAMPA. A proposta de permitir a pesca, ainda que através da arte de salto e vara, nas áreas de proteção total representa uma inversão inaceitável destes princípios. Também muito relevante, a proposta esvazia e retira clareza ao conceito de “proteção total” e abre um perigoso precedente suscetível a múltiplas pressões e a futuras flexibilizações.

Esta proposta compromete também o prestígio internacional da Região no contexto da conservação oceânica. Permitir esta alteração seria não só negar a identidade açoriana, como desvalorizar os esforços científicos e políticos que permitiram a criação do Parque Marinho dos Açores e a sua evolução para a RAMPA.

Apelo, por isso, à rejeição desta proposta de alteração e à salvaguarda dos princípios que norteiam as áreas marinhas de proteção total: zonas de regeneração plena, essenciais para a resiliência ecológica, para a investigação científica de base e para a manutenção da biodiversidade marinha açoriana.

Respeitosamente,

**Frederico Cardigos**

Biólogo marinho e cidadão empenhado no desenvolvimento sustentável dos Açores

-----

**Frederico Abecasis David Cardigos**



FREDERICO CARDIGOS

Callum Roberts é um daqueles cientistas que qualquer biólogo marinho conhece pelo menos pela fama e prestígio. Recentemente, este cientista liderou um estudo que culminou na publicação na npj Ocean Sustainability, parte do grupo Nature, de um artigo intitulado "Rethinking sustainability of marine fisheries for a fast-changing planet". O estudo foi conduzido por uma equipa internacional de cientistas com contribuições de várias especialidades, instituições e países. Um desses cientistas, o Telmo Morato, está vinculado ao DOP/Oceanos e vive no Faial.

A publicação argumenta que muitos produtos do mar comercializados como "sustentáveis" na verdade não o são. Os autores defendem que são necessários padrões de sustentabilidade mais rigorosos para responder a um mundo em rápida mudança e apoiar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. As futuras pescarias devem operar com base em princípios

O Voo do Cagarro

## Soluções para Oceanos Sustentáveis

que minimizem os impactos na vida marinha, se adaptem às mudanças climáticas e permitam a recuperação da biodiversidade, ao mesmo tempo em que apoiam e melhoram a saúde, o bem-estar e a resiliência dos cidadãos e das suas comunidades. O estudo destaca a importância crítica dos oceanos saudáveis para a natureza, o bem-estar humano e a estabilidade planetária, sublinhando que a vida marinha, incluindo as espécies exploradas, é essencial para a saúde dos oceanos.

No entanto, de acordo com as conclusões desta equipa científica de primeira linha, a maioria dos países não está a cumprir as metas do Acordo de Paris e outros compromissos globais relacionados com a proteção ambiental e dos oceanos. Por isso, os autores propõem uma visão para o futuro da exploração oceânica, onde as pescarias são geridas como sistemas socio-ecológicos que reconhecem e respeitam os valores da boa relação entre os humanos e a natureza. Os cientistas apresentam dois princípios centrais e um conjunto de

ações-chave para transformar as pescarias para o futuro, incluindo a minimização do dano ambiental, a promoção da recuperação da vida marinha e dos habitats e a adaptação às alterações climáticas.

Em paralelo, e num outro estudo com uma equipa e base completamente diferentes, concluiu-se que o planeta Terra pode estar prestes a ultrapassar sete dos nove limites planetários. O limite que está agora num limiar crítico é a acidificação dos oceanos. A acidificação dos oceanos é o efeito que resulta da absorção de dióxido de carbono da atmosfera. Este efeito prejudica diretamente todos os organismos com concha ou carapaça e, indiretamente, ameaça os ecossistemas marinhos e a sua habitabilidade global.

Entre os nove limites planetários, já foram claramente ultrapassados seis, incluindo alterações climáticas, novos poluentes, biodiversidade e alteração dos fluxos biogeoquímicos. No relatório, o Instituto de Pesquisa de Impacto Climático de Potsdam destaca que os nove li-

mites planetários estão inter-relacionados e que as perturbações humanas infligidas ao ambiente global não podem ser tratadas isoladamente.

Tanto o primeiro estudo como o segundo, apontam para um mesmo cenário global e para a mesma solução: tratar melhor os oceanos. É imperativo agir. Se não soubermos como agir ou se não estiver ao nosso alcance fazê-lo, podemos sempre apoiar aqueles que sabem e podem atuar. Como cidadãos, ao privilegiarmos opções ambientalmente adequadas, mesmo que isso nos custe mais dinheiro ou esforço, estamos a contribuir para criar um mundo melhor.

Sozinhos pouco podemos fazer, mas uma ação conjunta pode fazer autênticos milagres. Que o diga o buraco do Ozono. A humanidade quis e ele está a desaparecer! Há soluções, mas elas têm que ser implementadas. ■

*\* Frederico Cardigos é biólogo marinho no Eurostat. Este é um artigo de opinião pessoal. As ideias expressas neste artigo são da exclusiva responsabilidade do autor e podem não coincidir com a posição oficial da Comissão Europeia.*



FREDERICO CARDIGOS

### O Voo do Cagarro

## Três vivas pelo Parque Marinho dos Açores!

truiu o porto das Lajes das Flores em 2019. Esta era a realidade até à semana passada. Agora essa realidade mudou.

Sob proposta do Governo Regional na sequência de um trabalho de longo prazo realizado pela Universidade dos Açores e, mais recentemente, catalisado pelo projecto Blue Azores, a Assembleia Legislativa aprovou a classificação de 30% do Mar dos Açores como área protegida. Incluídos nestes 30%, metade terão acesso restrito e extração zero. A aprovação desta ampliação tornou-se, sem dúvida, no mais citado evento da história recente do Mar dos Açores.

De acordo com a Agência Europeia para o Ambiente, "a conservação das zonas costeiras e marinhas é importante para manter a biodiversidade e assegurar o pleno funcionamento dos ecossistemas e dos seus serviços. As áreas marinhas protegidas desempenham um papel fundamental na conservação dos ecossistemas costeiros e marinhos, proporcionando benefícios económicos e sociais significativos e apoiando os meios de subsistência locais."

Criado a 11 de Novembro de 2011, o Parque Marinho dos Açores tinha os mesmos objectivos gerais que hoje,

mas a sua dimensão dentro da sub-área regional da Zona Económica Exclusiva de Portugal ainda não tinha expressão significativa. A partir da semana passada isso mudou e, espero eu, para sempre.

O actual Secretário Regional com o pelouro do Mar, o meu amigo Mário Rui Pinho, está naturalmente de parabéns. Saliento, com confiança, que lhe cabe evitar que estas novas áreas protegidas se tornem naquilo que ele próprio nomeou como "O Mar de Papel". Num artigo publicado na Revista *Mundo Submerso* há precisamente 20 anos, o agora político e o seu co-autor referiam o perigo de classificar áreas marinhas que não tivessem uma tradução efetiva dos objectivos para que foram criadas no mundo real. Ou seja, se é para proteger, agora há que proteger efetivamente. Tenho a certeza que vai correr bem.

Como se refere na plataforma de media para o desenvolvimento Devdiscourse da Índia, "Abrangendo cerca de 300 mil quilómetros quadrados, esta iniciativa visa cumprir os objectivos da ONU para 2030, preservando os diversos ecossistemas subaquáticos e restringindo as actividades de pesca e de turismo." Há agora que dar forma às intenções. Com adequada implementa-

ção, a proteção destes locais poderá catapultar a riqueza nos sítios explorados numa sinergia exemplar e para a qual o mundo olha com atenção e entusiasmo. Apenas para nomear alguns órgãos de comunicação social em que esta decisão foi referida, destaco a Reuters (a partir de Lisboa), a BBC (Londres), a Euronews (Bruxelas), a National Geographic (EUA), Cyprus Mail (Chipre), Royal Gazette (Bermudas), a Swissinfo (Suíça), Taiwan News, China Daily e sítios internet mais especializados como o Divernet e o DeeperBlue.

Portanto, o Mar dos Açores ficou mais protegido, com isso será mais eficaz a cumprir todos os seus serviços ambientais e, como consequência inesperada, tornou-se num farol que levou o bom nome dos Açores aos quatro cantos deste nosso planeta com uma mensagem de esperança e alento no que diz respeito à proteção e uso sustentável do Oceano. Três vivas para o Parque Marinho dos Açores! ■

*\* Frederico Cardigos é biólogo marinho no Eurostat. Este é um artigo de opinião pessoal. As ideias expressas neste artigo são da exclusiva responsabilidade do autor e podem não coincidir com a posição oficial da Comissão Europeia.*

Desde que isso é possível, e já é possível há muitos anos, recebo diariamente um aviso sempre que na comunicação social internacional escrita são publicadas as palavras "sea", "marine" ou "ocean" em conjunto com a palavra "Azores". Para além de obter uma seleção das notícias que sobrevivem à distância, o que deve ter uma relação com a sua relevância, tem a enorme vantagem de me permitir facilmente compreender o que se passa no Mar dos Açores que tem impacto lá fora.

As notícias chegam-me por esta via oriundas da América do Norte, do Reino Unido ou de qualquer outro ponto em que se comunique em língua inglesa. O filtro e a seleção permitem-me ter acesso a notícias muito precisas. Por exemplo, foi através deste sistema que fui informado sobre um artigo científico em que se descreviam novas marcas com transmissão via satélite para tartarugas e que permitirão clarificar o papel dos Açores no ciclo biológico destes animais pré-históricos.

Penso, mas estou a falar de memória, o evento que mais registos gerou foi a tempestade "Lorenzo" que des-



FREDERICO CARDIGOS

## O Voo do Cagarro

## Ser Açoriano é ser Mar



Neste período festivo aconteceu que, Neste período festivo aconteceu que, por sorte, ouvi um programa radiofónico (podcast) sobre Açorianidade, com Cláudia Cardoso e Luiz Fagundes Duarte. Quase ao mesmo tempo, fui entrevistado no contexto da tese de doutoramento de Nuno Lopes que toca ao de leve no mesmo tópico.

Em contextos particulares do ponto de vista histórico e pessoal, Vitorino Nemésio lançou as sementes desta definição e que, com legítimas nuances, ainda perdura. Não sou açoriano de nascença e, neste momento, não trabalho nos Açores. Reconheço que, realisticamente, sou das últimas pessoas com autoridade para dissertar sobre este assunto. No entanto, sendo açoriano de alma, sendo pai de açorianos, sendo um ávido consumidor de cultura açoriana e sendo o Mar dos Açores o meu maior amor não-humano, arrego-me o direito de ter algo a dizer.

A minha perspetiva sobre a Açorianidade alicerça-se, como não podia deixar de ser, em Nemésio. Selecciono frases do seu texto de 1932 sobre o contexto, a génese e a existência dos açorianos no seu mar: "o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar", "(...) quando se nasce mais do que junto ao mar, no próprio seio e infinitude do mar, como as medusas e os peixes" e "Os nossos ossos mergu-

lham no mar". Segundo Nemésio, a geografia, a geologia e o habitat moldam a "carne e pedra" do ser açoriano.

A importância de um povo, na minha opinião, mede-se no seu contributo para a construção do Bem. Inspirado em Tomás de Aquino, Kant e Martin Luther King, considero que o Bem resulta da conjugação harmónica do Amor, com o Conhecimento e com a Justiça. Portanto, onde encontramos os açorianos quando se referem estes três conceitos e, naquilo que aqui me interessa, o mar?

O Amor dos açorianos pelo Mar manifesta-se a todo o momento na cultura açoriana. Desde o "Fui ao Mar Buscar Laranjas" de Pedro da Silveira, ao singelo poema "Fiz um Conto Para me Embalar" de Natália Correia, cantado por Isabel Mesquita e também versando laranjas inexistentes, ao "Boi do Mar" cantado pelo Manuel Costa, os livros sobre a saga baleeira de Dias de Melo, até às pinturas de Carlos Carreiro e, felizmente, muito mais, tanto mais. A cultura açoriana inspira o

mundo com os sabores e com a força de um amor salgado pela maresia!

O conhecimento dos açorianos sobre o mar é secular e luminoso. Desde o conhecimento popular, magnificamente expresso, por exemplo, na capacidade de prever a localização dos cardumes de atuns através da posição e movimento dos cagarros, até ao pensamento académico que resultou em centenas de publicações científicas que nos vão sendo dadas pelos investigadores da Universidade dos Açores e, em particular, pelo Instituto Okeanos (antigo DOP). Adaptando um dos dizeres de Isaac Newton, a ciência marinha do futuro será feita também aos ombros de açorianos e açorianas de enorme valor.

Ao nível Legal, os Açores têm marcado a agenda no que se refere ao ordenamento do Mar. Primeiro com os parques naturais de ilha, depois com o próprio Parque Marinho dos Açores e, mais recentemente, com as sucessivas ampliações geográficas e de âmbito. Um exemplo de nível mundial.

Há muitos anos, um amigo referia-me como fazia sentido existir nos Açores uma grande organização relacionada com o Direito do Mar. Não quero ferir os créditos e a originalidade de algo que não me pertence, mas, no entanto, tento espezitar a génese de uma oportunidade que ainda não tarda...

Portanto, a Açorianidade, o ser Açoriano, é intrinsecamente ser Mar. O mar molda a cultura, o conhecimento e a ação desta nossa comunidade. É também pelo Mar que os açorianos deixam a sua marca positiva no mundo: na criação cultural, no avanço científico e na liderança na proteção ambiental. Assim, o contributo açoriano para o Bem reflete-se não só nas águas que os cercam, mas também nos corações e mentes que inspiram.

Quod erat demonstrandum.

Feliz Ano Novo! ■

*\* Frederico Cardigos é biólogo marinho no Eurostat. Este é um artigo de opinião pessoal. As ideias expressas neste artigo são da exclusiva responsabilidade do autor e podem não coincidir com a posição oficial da Comissão Europeia.*



FREDERICO CARDIGOS

O Voo do Cagarro

## Somos Mar dos Açores!



Ana Colaço e diversos colegas do Okeanos e do IFREMER. Um desses projetos, o MoMAR, que visa monitorizar a dinâmica dos ecossistemas hidrotermais na Dorsal Médio Atlântica, é uma infraestrutura de observação de profundidade que opera há mais de uma dezena de anos no campo hidrotermal Lucky Strike e permite recolher continuamente dados científicos e técnicos. Outro projeto, o Condor, tem contribuído para a compreensão da dinâmica de espécies valiosas para as pescas, como o goraz.

A criação de um "Observatório Europeu do Mar Profundo" nos Açores é, portanto, uma iniciativa de elevado valor e que pode ajudar a promover a investigação científica e a conservação da biodiversidade marinha na região. Na minha opinião, para que isso aconteça, é necessário construir pontes e sinergias com eurodeputados, com o Conselho e com a Comissão, o que dará à proposta a robustez e a tração que indubitavelmente merece, consolidando

assim a posição dos Açores como um centro de excelência em investigação marinha.

A Presidente da Comissão das Pescas, Cármen Crespo Díaz, fez um discurso formal baseado no empenho no uso sustentável dos oceanos. Realçou a importância daquilo que chamou de aliança ibérica e o compromisso do seu envolvimento em todos os processos relacionados com os oceanos enquanto presidente da Comissão das Pescas.

O Presidente da Fundação Oceano Azul, Tiago Pitta e Cunha, com o entusiasmo e a envolvimento que o caracteriza, deu uma palestra em que demonstrou a importância estratégica e operacional do mar e em particular do Mar dos Açores. Assentou as suas palavras com ênfase na importância da defesa da biodiversidade, explicando factualmente, como é nela que assenta toda a estabilidade do grande azul, incluindo os serviços ecossistémicos que nos alimentam e que equilibram a atmos-

fera. Apelou ainda ao multilateralismo internacional necessário para salvaguardar e, onde necessário, recuperar essa biodiversidade.

Deixo para o fim não por ser o último, não foi, mas porque quero realçar a intervenção do Presidente do Governo dos Açores. José Manuel Bolieiro, destacou diversos aspectos desse continuum que começa nos fundos marinhos e vai até ao espaço. Para cada uma das componentes, realçou os projectos que têm sido ancorados nos Açores. Destacou diversas ilhas e ações como, por exemplo, o espaço em Santa Maria e, na Terceira e nas Flores, a observação da atmosfera utilizando os radares meteorológicos. Ao Faial, "a ilha Mar", associou a investigação marinha e o novo navio científico.

Fiquei particularmente sensibilizado quando o Presidente, fazendo um discurso claramente inspirado em Vitorino Nemésio, explicou como, nos Açores, muito mais do que "ter", nós "somos". Para mim, esta dialética entre a futilidade do "ter" e a nobreza do "ser" é um dos temas que me fascina. Claro que sendo eu um entusiasta defensor do Mar dos Açores não pude deixar de absorver, saborear e emocionar-me com as palavras seguintes e que, salvaguardando alguma perda causada pela minha falta de memória, versaram algo como: "Para os açorianos, o mar não é apenas um recurso ou um objeto, mas sim uma parte fundamental da sua identidade e cultura. Há o ter e há o ser. Nos Açores nós não temos um Mar. Nos Açores, nós somos o Mar!" ■

\* Frederico Cardigos é biólogo marinho no Eurostat. Este é um artigo de opinião pessoal. As ideias expressas neste artigo são da exclusiva responsabilidade do autor e podem não coincidir com a posição oficial da Comissão Europeia.